

ARTE E PSICANÁLISE: HISTÓRIAS DA LOUCURA, PINTURAS DO ATELIER GAIA E ESTABILIZAÇÃO POSSÍVEL

Aline Maria Muniz Veras Drummond de Mendonça.

O Atelier Gaia e a solução psicótica

Desde 2013, desenvolvemos atividades no Atelier Gaia, integrando alunos do curso de graduação em Psicologia e do curso de pós-graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional da UVA. O Atelier Gaia é um espaço de arte e criação que integra o Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura, na cidade do Rio de Janeiro, e visa a inserção social, artística e profissional de seus usuários. Insere-se no território da Colônia Juliano Moreira, que, com a municipalização das terras, passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS) Juliano Moreira. O Atelier é composto de 11 artistas que, outrora, foram internos do antigo sistema manicomial e hoje possuem sua autonomia, cidadania e poder de contratualidade garantidos com a Reforma Psiquiátrica brasileira. O trabalho no Atelier Gaia proporciona o fazer artístico e impulsiona o ingresso de seus artistas no mercado de arte.

A pesquisa com os artistas do Atelier Gaia nos possibilitou examinar a relação entre psicanálise e arte e, sobretudo, as possíveis soluções encontradas a partir da singularidade do ar-Lindo diante do real impossível de suportar.

ar-Lindo da Silva Filho tem 66 anos, é ex-interno do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Mental Juliano Moreira e hoje mora numa casa simples, na colônia Juliano Moreira. É no Atelier Gaia que ar-Lindo realiza sua arte.

ar-Lindo foi levado quando criança por sua mãe para a internação psiquiátrica e lá ficou por mais de 30 anos. Durante todos esses anos de internação, viveu no isolamento social e sua relação com o mundo sempre foi marcada pela exclusão do campo do Outro. Entretanto, ar-Lindo encontrou na criação artística uma forma de estabilização que permitiu a ele se sustentar nos últimos 20 anos sem incorrer em episódios de crise. Se pensarmos no laço social, é possível concluir que bons avanços foram feitos: ar-Lindo se viu livre de crises alucinatórias, da internação e do isolamento social. Seu trabalho artístico lhe permitiu autonomia, poder de contratualidade e uma relação estável com sua companheira, que já dura mais de uma década.

Consideramos que ar-Lindo tem uma estratégia de solução: a obra. Nos seus

objetos criados, parece-nos que conseguiu delimitar um gozo, circunscrevendo o que retorna no Real rejeitado do Simbólico. Trata-se de uma solução inventiva que criou diante dos impasses que encontrou em sua história. Coube, então, a ele inventar um saber fazer com o gozo. A estabilização encontrada possibilitou a regulação deste gozo.

O Nome-do-Pai é fundamental para que o indivíduo entre no mundo simbólico, dando significação ao que lhe acontece e permitindo enquadrar a relação imaginária, fazendo com que o sujeito não se sinta invadido todo o tempo pelo semelhante. É também o Nome-do-Pai que limita e esvazia o gozo do Outro, separando o gozo do corpo e fundando o sujeito capaz de desejar.

Como o psicótico foraclui o Nome-do-Pai, terá sempre o Outro presentificado invadindo suas relações, como por exemplo atestam os fenômenos das alucinações, as alterações da linguagem, palavras impostas e as ideias delirantes.

Logo, diante da foracclusão do Nome-do-Pai na psicose, cada sujeito vai buscar uma solução para tentar separar-se do objeto a, tentar obter a extração desse objeto, desse gozo que o invade e o submete.

Concordamos com Alvarenga (2000, p. 15) que: “Estabilização é uma operação que circunscreve, localiza, deposita, separa ou apazigua o gozo, correlativa a uma entrada em algum tipo de discurso, por mais precário que ele seja”. Assim, a obra na psicose é uma tentativa de constituir algo que possa representar esse objeto, para que o sujeito dele se separe. A produção de um objeto fora do corpo permite ao psicótico não ser mais, ele mesmo, o objeto de gozo do Outro. É a obra como possibilidade de extração real do objeto do campo do Outro. O tratamento da psicose consiste em efetuar uma restrição ao gozo ou uma localização.

Qual é o estatuto da Coisa na psicose?

No “Rascunho K”, da correspondência de Freud (1896a/1987) com Fliess, Freud nos apresenta a escolha das neuroses de defesa: histeria, neurose obsessiva e paranoia a partir da experiência primária. O que acontece com a paranoia?

A experiência primária parece ser de natureza semelhante à neurose obsessiva. [...] Contudo, nenhuma autocensura se forma, nem é posteriormente recalçada; e o desprazer gerado é atribuído a pessoas que, de algum modo, se relacionam com o paciente, segundo a fórmula psíquica da projeção. O sintoma primário formado é a desconfiança. Nesta, o que se passa é que

a pessoa se recusa a crer na autocensura. (FREUD, 1896/1987, p. 247)

O paranoico não acredita na recriminação primária, trata-se, portanto, da descrença na recriminação primária, ou, tomando as palavras de Lacan, da foraclusão do Nome-do-Pai. Segundo Quinet: “A recriminação primária, na medida em que marca a *Coisa* como proibida, é o que vem aqui desempenhar a função do Nome-do-Pai, ou melhor, ela é a expressão da Lei a nível do fenômeno” (QUINET, 2000, p. 74).

Dessa forma, a descrença na recriminação primária tem como efeito o gozo da *Coisa*, que não foi esvaziado, justamente, pela ausência da crença da recriminação primária. A posição do psicótico em relação ao gozo não é de rejeição, pelo contrário, ele é invadido, assujeitado pelo gozo tanto em seu pensamento quanto em seu corpo.

Sabemos que todas as crianças são submetidas a um Outro de puro gozo e, com a operação da metáfora paterna, esse Outro é barrado. Como efeito desta operação, temos a extração de algo que condensa o gozo: a extração do objeto **a**. Com isso chegamos a uma indicação de que na psicose, por conta da foraclusão do Nome-do-Pai, ou seja, da ausência da metáfora paterna, o objeto não foi perdido, marcado pela falta. Trata-se, portanto, de um objeto que não foi marcado com a castração e que retorna no real.

Lacan considera a questão da psicose a partir da função da realidade, ou seja, da constituição do campo da realidade. Segundo Lacan: “o campo da realidade se sustenta apenas pela extração do objeto **a**”. E acrescenta: “a extração do objeto **a** que, entretanto, lhe enquadra” (LACAN, 1957-1958/1998, p. 560).

Podemos compreender que resguardar-se, distanciar-se do objeto, condiciona a estabilização da realidade. Logo, é o objeto **a** extraído do campo da realidade que ele lhe dá seu enquadramento. Portanto, é sua subtração da realidade que a enquadra.

A psicose é exatamente o que responde à não extração do objeto **a**. Na experiência da psicose, há uma multiplicação das vozes e uma multiplicação dos olhares. Na psicose a voz emerge como audível e o olhar se torna visível porque o objeto **a** não se encontra extraído do campo da realidade.

Se o campo de realidade se sustenta, primeiramente, a partir da extração do objeto **a**, podemos afirmar que extrair o objeto **a** é uma maneira de estabilização, solução para a psicose.

O objeto a na clínica da psicose

Na estrutura clínica da psicose o objeto não está perdido, assim Lacan caracterizou o louco em sua “Conferência aos psiquiatras” (1967/Inédito).

Há homens livres [...] os verdadeiros homens livres são justamente os loucos. Não há demanda do objeto **a**, pois ele o tem. É o que ele chama por exemplo, de suas vozes. Ele não tem no lugar do Outro, e sim à sua disposição. [...] Chamamos o bom Deus dos filósofos de causa sui, causa de si. Digamos que o louco tem a sua causa no bolso, e é por isso que ele é louco. (LACAN, 1967/Inédito)

Para Lacan, o louco é o único de quem se pode dizer que é livre, pois ele tem sempre à sua disposição em seu bolso, aonde quer que ele vá, o objeto pronto para preenchê-lo. Todavia, “o que foi rejeitado do simbólico reaparece no real” (LACAN, 1955-1956/2010, p. 59). Desse modo, o louco tem consigo a voz e/ou o olhar que sempre o acompanha, sem nunca o abandonar e, também, tem um Outro feroz que quer gozar dele, ávido pelo objeto precioso.

Lacan postula a extração do objeto **a** como condição necessária para sustentação do campo da realidade. A não extração do objeto **a** na psicose implica em sua presença no campo da realidade. Logo, as cinco formas primordiais do objeto **a** – oral, anal, fálica, escópica e vocal – testemunham uma realização particular no campo da psicose, em especial o objeto vocal e o objeto escópico.

Daí, os fenômenos alucinatórios nas psicoses testemunharem a não extração do objeto **a** do campo da realidade. Por isso, esses fenômenos podem ser situados como vicissitudes do objeto **a** e podem ser vinculados a um campo em que o Nome-do-Pai e a significação fálica não operam, compondo, assim, os fenômenos da esquizofrenia, da paranoia, da melancolia e da mania.

Na psicose, isso se expressa, por exemplo, nos fenômenos alucinatórios, em que o olhar e a voz retornam no real: acusam e condenam. Também, nos sintomas hipocondríacos, em que o objeto fica colado a órgãos do corpo. E, ainda, nas automutilações, em que se busca, a força, extrair o objeto **a**, na tentativa de se separar de um gozo insuportável.

Em *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-1956/2010), Lacan apresenta um caso de paranoia. Trata-se de uma paciente que vive como prisioneira de uma relação dual com sua mãe. Frente à desestabilização desta relação, “no ponto de partida de tudo

o que é dito há a intrusão da dita vizinha na relação daquelas duas mulheres” (LACAN, 1955-1956/2010, p. 63). Ela é levada a dissolução do imaginário.

Um dia, voltando para casa, a paciente, ao encontrar com o amante da vizinha, o ouve chamá-la de “Porca”. Em seu comentário sobre a alucinação “Porca”, Lacan demonstra a realização particular do objeto vocal sob a forma de voz alucinada – audível, pois, na psicose a voz como objeto *a* não está perdida, e essa paciente está submetida a ela na alucinação verbal “Porca”. Trata-se da voz do Outro, que fala dela e para ela. O Outro contém o objeto *a* sob a forma de voz e/ou olhar.

Com efeito, podemos entender que na psicose o Outro não é barrado e o objeto *a*, portanto, não é marcado pela castração. Por isso, a estabilização na psicose implica em uma solução que possa extrair do campo do Outro o gozo que invade o psicótico.

Em *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963/2005), Lacan comenta o caso de uma paciente esquizofrênica de Jean Bobon. Trata-se de uma jovem que estivera internada há 6 anos e não saía mais da cama, não falava mais e, também, não escrevia, ou seja, não se comunicava. Tendo falhado os tratamentos tradicionais, foi oferecido a ela um material de pintura e desenho e, a partir daí, a paciente começou a desenhar intensamente.

Sobre este caso, Lacan tece um comentário que coloca em evidência o objeto escópico na psicose: “Vejam este desenho de uma esquizofrênica. [...] Para além dos galhos da árvore, ela escreveu a formulação de seu segredo, *Io sono sempre vista*. É o que nunca pudera dizer até então, ‘Sou sempre vista’” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 86). Todos os seus desenhos contêm olhos. Contudo, é neste desenho, de uma árvore com olhares expressivos e uma frase, “*Io sono sempre vista*”, que podemos desvendar o sentido dos desenhos.

Podemos supor que ela se sente visada, vista por um olhar do qual não consegue escapar, que não descansa, ela é, portanto, objeto do olhar, apontando, assim, para seu status de objeto da pulsão escópica.

Lacan nos diz:

Mas ainda preciso deter-me para levá-los a perceber que em italiano, assim como em francês, vista é ambíguo. Não é apenas um participio, é também a visão, com seus dois sentidos, subjetivo e objetivo – a função da visão e o fato de ser uma vista, como se diz sobre a vista da paisagem, aquela que é tomada como objeto num cartão postal. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 86)

Em seu artigo “O inconsciente”, de 1915, Freud já nos ensinara que o esquizofrênico toma as palavras por coisas. A partir do caso comentado por Lacan, podemos entender que a palavra vista se torna uma paisagem, uma paisagem para o Outro. Disso, podemos extrair a seguinte tese: com os seus desenhos a paciente faz uma tentativa de captar o olhar para fixá-lo no papel. Donde, para esta paciente o desenho faz uma moderação do gozo sem limites e, portanto, uma tentativa de estabilização.

Como já foi dito, devido à forclusão do Nome-do-Pai, o psicótico está submetido a um gozo sem barreiras, sendo ele próprio o objeto do gozo do Outro. O sujeito da psicose é correlacionado ao gozo, um Outro que goza dele. Então, cabem aqui duas questões: na psicose há alguma solução que permitiria lidar com esse horror do gozo? Como, na psicose, haver-se com esse Outro de puro gozo?

O gozo na psicose é transformado pelo trabalho delirante. O delírio como tentativa de cura é uma tentativa de barrar o gozo do campo da realidade, delimitando-o e contendo-o no lugar do Outro. O delírio localiza o gozo no campo do Outro. Quando lermos, mais adiante, na pena de Schreber, que é o gozo de Deus ou do Outro [...]. [...] o que nos permitirá uma definição mais precisa da paranoia como identificando o gozo no lugar do Outro. (LACAN, 1966/2003, p. 221, grifo nosso)

O psicótico, para lidar com o horror do gozo, com o sofrimento, com a angústia, com o despedaçamento do corpo, com as vozes, com esse Outro sem barra também poderá usar a criação artística como uma forma de tratamento possível para o gozo. Assim, com a arte não se foge ao horror do gozo do Outro, mas ele é tratado. Daí, a nossa hipótese da obra de arte na psicose operar como uma tentativa de constituir algo que possa vir a representar esse objeto para que o sujeito se separe dele. Podemos pensar a via de condensação de gozo por meio de um objeto separado do corpo, permitindo ao psicótico não ser ele mesmo esse objeto de gozo do Outro.

Qual é a função da pintura na psicose?

A pintura tem relação com o objeto olhar, e, logo, coloca em jogo a pulsão escópica. Na psicose os dois objetos do desejo, voz e olhar, aparecem na própria realidade do sujeito e, dessa forma, evidenciam como a relação do sujeito com o objeto é uma relação onde o objeto não é perdido. Com efeito, esse objeto faz irrupção no campo da realidade como olhar vigilante, que se apresenta, por exemplo, nos casos em

que o sujeito se percebe como se alguém estivesse de olho nele: é fotografado, filmado, vigiado, observado, enfim, é alvo de olhares. Por isso, podemos dizer que o objeto olhar desvela as relações do psicótico com o Outro.

O objeto **a** é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto – primeiramente, separável – e depois, tendo alguma relação com a falta. [...] É por isso que o olho pode funcionar como objeto **a**, quer dizer, no nível da falta (-). (LACAN, 1964/1985, pp. 101-102)

Na psicose o objeto **a** surge no campo da realidade como olhar ou voz. Logo, a suplência do Nome-do-Pai visa a separação do objeto do campo da realidade.

Dessa forma, a pintura na psicose é uma tentativa de separação do objeto **a** do campo da realidade ao colocar o olhar sedento do Outro na tela.

Lacan afirma: “É a esse registro do olho como desesperado pelo olhar que devemos chegar para sacar a ação pacificadora, civilizadora e encantadora, da função do quadro” (LACAN, 1964/1985, p. 112). Sendo assim, não teria a pintura a mesma função do delírio, isto é, condensar o gozo num objeto fora do sujeito?

Ora, o delírio é uma tentativa do sujeito fazer a separação do objeto **a**, tentando localizar o gozo num Outro que o contém. Em outras palavras, o delírio localiza o gozo no campo do Outro, barrando, assim, o gozo do campo da realidade. Isso fica muito bem ilustrado na “paranoia como identificando o gozo no lugar do Outro” (LACAN, 1966/2003, p. 221).

Assim, podemos pensar que a obra de arte na psicose é uma tentativa de constituir algo que possa representar o objeto para que o sujeito possa se separar dele. Assim, o ato pictural tem efeito de apaziguamento do gozo do olhar vigilante do Outro que invade o sujeito.

Lacan questiona: “No que esse dar-a-ver pacifica alguma coisa? – se não nisto, que há um apetite do olho naquele que olha. Esse apetite do olho, que se trata de alimentar, constitui o valor de encanto da pintura” (LACAN, 1964/1985, p. 112). A pintura tem aí a função de fixar, de desviar de si esse olhar mortífero do Outro.

No *Seminário 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan formulou:

A função do quadro – em relação aquele a quem o pintor, literalmente, dá a ver seu quadro – tem relação com o olhar. [...]

O pintor, aquele que deverá estar diante do seu quadro, oferece algo que em toda uma parte, pelo menos, da pintura, poderia resumir-se assim – Queres olhar? Pois bem, veja então isso! Ele oferece algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. Aí está o efeito pacificador, apolíneo, da pintura. Algo é dado não tanto ao olhar quanto ao olho, algo que comporta abandono, deposição, do olhar. (LACAN, 1964/1985, p. 99)

A função pacificadora do quadro reside, então, na capacidade da obra de fazer depor o objeto olhar. O quadro, por sua capacidade de nos fazer depor o olhar, “como se depõe as armas”, teria a função de “domar-olhar”. Com efeito, a arte e o delírio, na clínica da psicose, podem ser considerados como modos de defesa do sujeito contra o impossível de suportar: o que do real está foracluído do simbólico.

As articulações entre o estudo de campo no Atelier Gaia e formulações psicanalíticas de Freud e Lacan permitem sustentar que a arte pode possibilitar uma estabilização na psicose, por cumprir a função de esvaziar o gozo da Coisa e, barrando tal gozo, facilita a retomada da vida após um desencadeamento psicótico.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Elisa. Estabilizações. **Revista Curinga**, número 14, Minas Gerais: EBP-MG, 2000.
- FREUD, Sigmund. (1896). Rascunho K: as neuroses de defesa. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1915). O inconsciente. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LACAN, Jacques. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. (1955-1956) **O seminário, livro 3: as psicoses**. Versão Aluísio Menezes. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. (1962-1973). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. (1964). **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. (1966). Apresentação das memórias de um doente de nervos. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. (1967). Pequeno discurso aos psiquiatras, 10 de novembro de 1967. Inédito.

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.